

12catorze | edição comemorativa



12catorze | edição comemorativa

Organização

Margarida Silva

António Modesto

Revisão

Margarida Figueiredo

Design

Margarida Silva

Tipografia

Minion Pro (Robert Slimbach, Adobe Originals)

Papel

Super Snowbright PLUS, 90g/m², Hellefoss AS

© Edições Húmus, 2023 e Autores

Apartado 7081

4764–908 Ribeirão —V. N. Famalicão

humus@humus.com.pt | edicoeshumus.pt

Impressão

Papelmunde, Lda.

1.ª edição, Julho 2023

ISBN 978-989-755-912-9

Depósito Legal 518819/23

Este projeto foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Design Gráfico e Projetos Editoriais da Faculdades de Belas Artes da Universidade do Porto, sob a orientação do professor António Modesto Nunes.

12catorze

12catorze | edição comemorativa



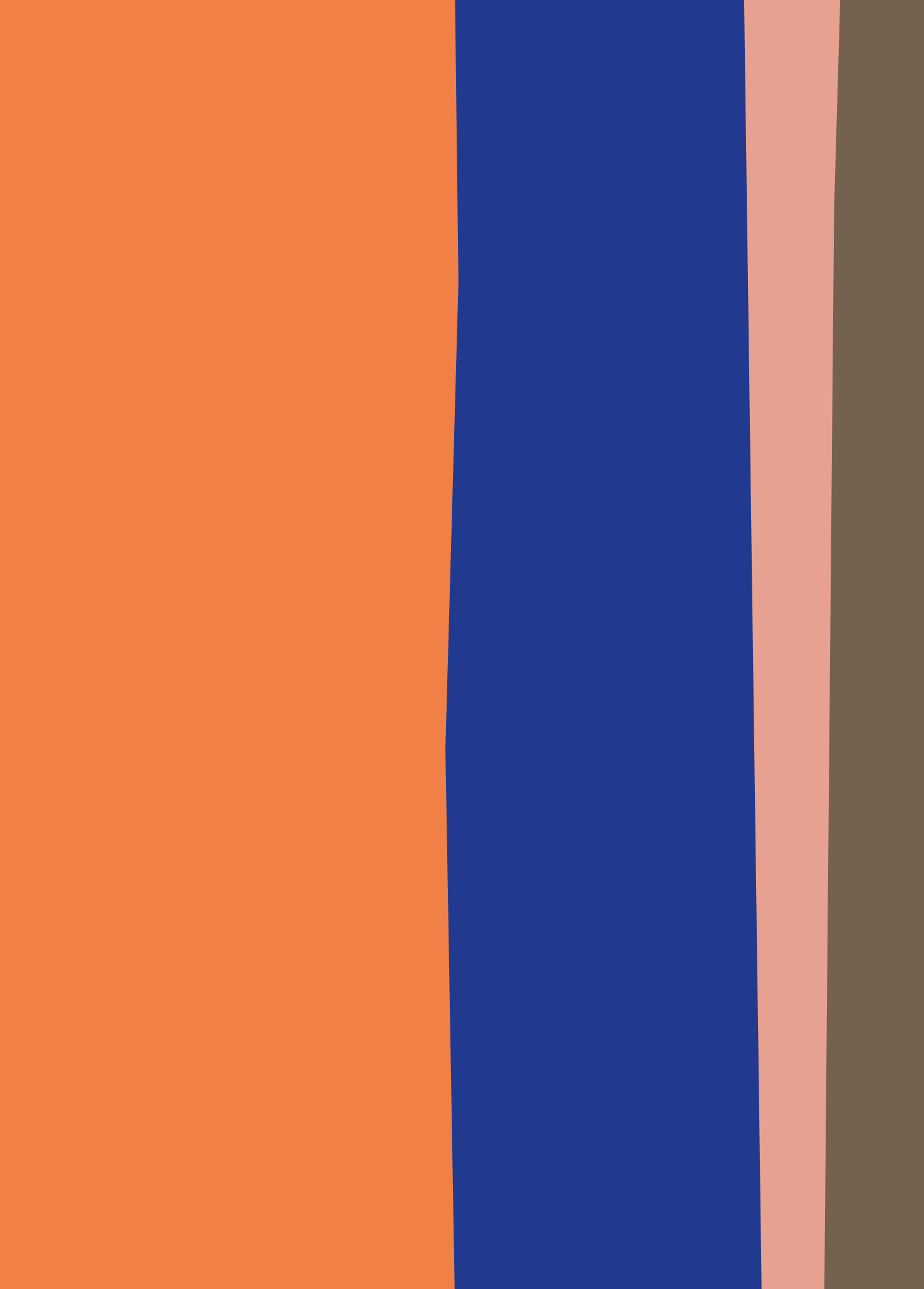
Do sonho à realidade sonhada

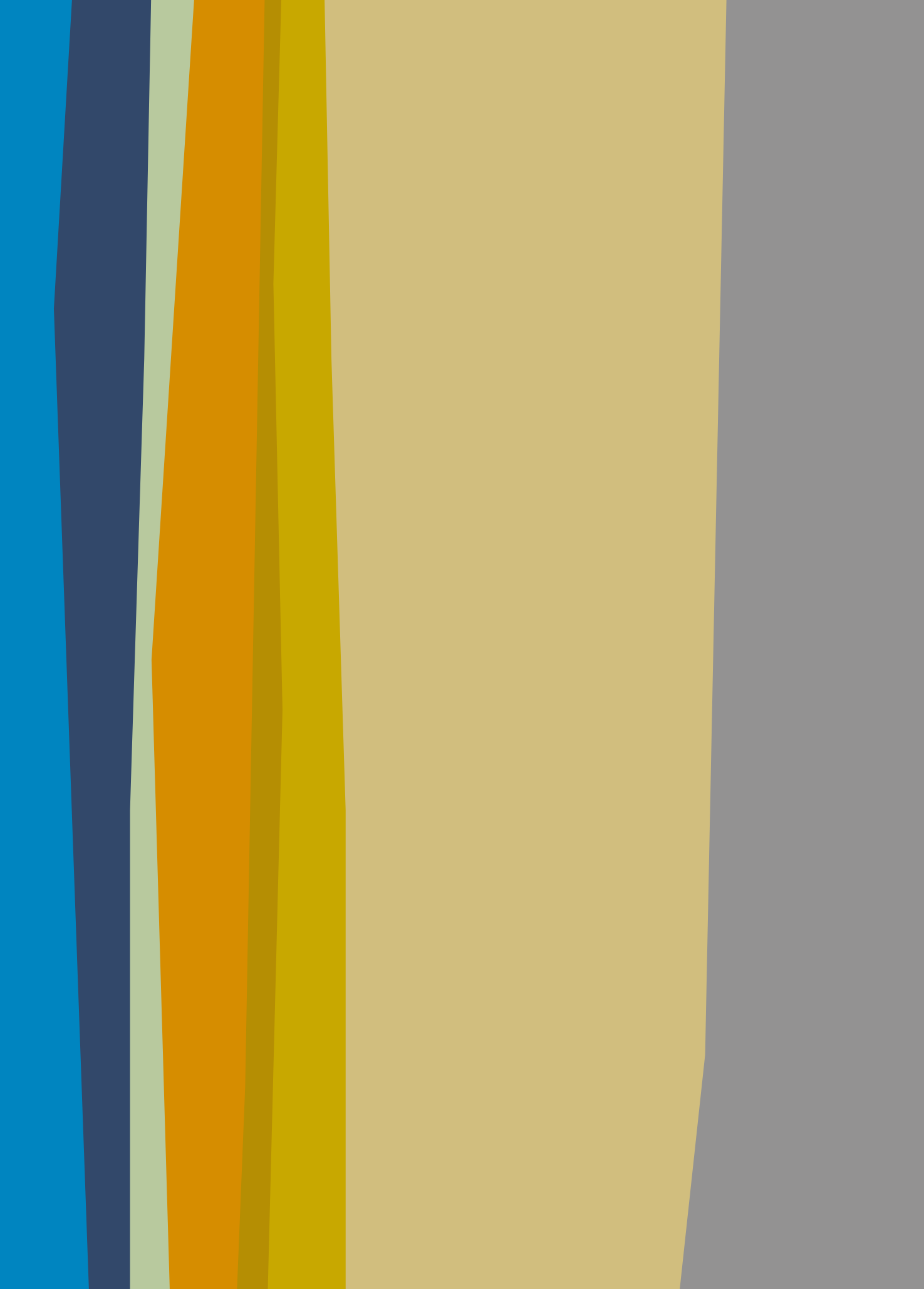
Pensada em Julho de 2019, a *12catorze* deu os primeiros e tímidos passos em 2020, assinalando o seu primeiro aniversário. Depois, a pouco e pouco, foi crescendo a um ritmo suave seguindo as linhas esboçadas, até que entrou num frenesim editorial intenso mantendo sempre “uma via aberta para a cultura literária nas suas mais variadas formas: da poesia ao ensaio passando pelo teatro e pela ficção”. Porta de entrada para autores em início de carreira, com a *12catorzeestreia*, a coleção acolheu simultaneamente aqueles que percorreram já um longo caminho. Devido à quantidade imensa de originais recebidos que ultrapassavam as 60 páginas previstas no início desta aventura, a *12catorze* teve necessidade de aumentar o seu volume, assim se criando a *12catorzebold* e a *12catorzeextrabold*.

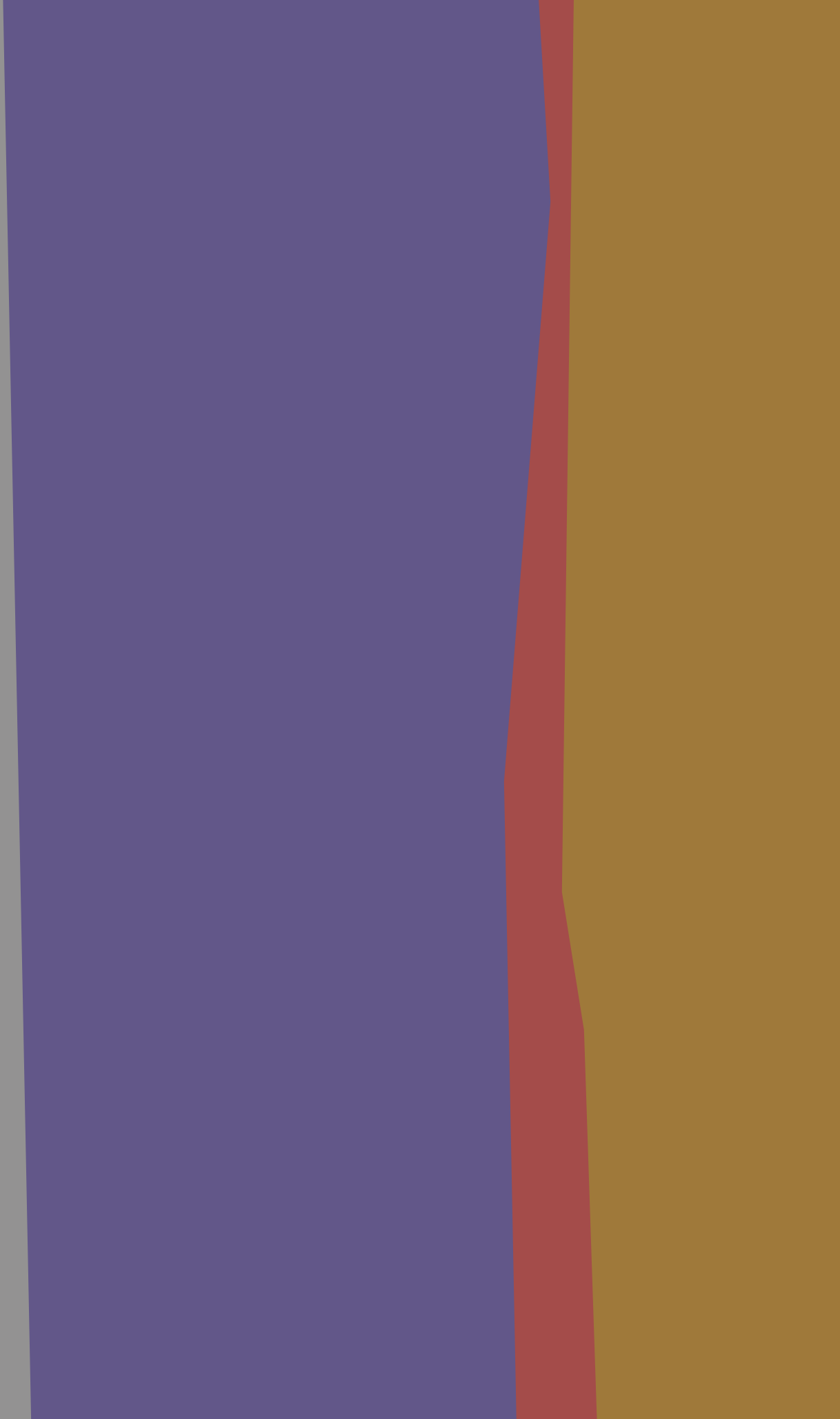
Nesta edição comemorativa reunimos textos, inéditos ou já publicados, escolhidos pelos autores que colaboraram com a *12catorze* nestes últimos três anos.

Agora, o que desejamos é continuar na senda de escritores que se possam juntar a este precioso e já grande grupo de aventureiros que nos enviam os seus originais e que com prazer editamos, sabendo que traçamos um difícil caminho na constante procura da Literatura como veículo para a Cultura.

OS EDITORES







Mapas Volúveis: Do amor e do arrepio extático

Porventura a melhor maneira (a mais fiel) de prestarmos tributo a figuras que nos marcaram seria regressar, de novo tocados pela cintilação das suas palavras, às certas intuições com que nos brindam os seus escritos: “O desvendamento e questionamento do que possa enformar e tornar materializável a ideia de que há lugares de improbabilidade que em boa verdade não escolhemos mas que nos escolhem, e para os quais nos poderemos em qualquer circunstância e momento tornar disponíveis, não obsta a que a experiência de cada viagem seja sempre um acontecimento único para cada viajante, como única é a passagem de cada um de nós pela vida” (Mendes, 2016: 19). Poderíamos perguntar: como desafiar o imprevisto? O inesperado tilintando. A surpresa é o veneno nómada que alaga uma bússola sem agulha. É na escuridão que vamos avançando um pouco mais. O rigor do que sobeja, resto que assim se ilumina. Vertigem que, de golpe em golpe, explora o que ficou por dizer. Assim se comporta o caos em expansão irreversível. No texto que resume o projecto *Viagens de Longo Curso. Roteiros e Mapeações*, podemos ler ainda: “Tal como a experiência do amor, a experiência de se tornar e ser viajante dispensa guias e bordões. Vai-se, está-se e volta-se na esperança de que o tempo de espera até à próxima partida nos traga a redenção de que aquilo que nos move mora dentro de nós e coincide com uma realidade que é ao mesmo tempo interior e exterior. Somos largados mundo fora, tantas vezes mundo dentro, com uma força e um arrebatamento tais que, ao desapossarmo-nos da segurança de um viver linear e rotineiro, recebemos o consolo libertador de que estar com outros em lugares próximos ou distantes, tantas vezes em lugar nenhum, porque ele é a nossa construção, descobrimos um prazer que atravessa todos os nossos órgãos até ao arrepio extático” (*Ibidem*).

A fulgurante citação condensa *in nuce* não só a paisagem mental, mas também um traço estilístico que configura uma ontologia muito própria. Pois se há um ponto aglutinador de todo o magistério de Anabela Mendes é justamente esse: a noção de viagem enquanto plataforma privilegiada para a indelével transformação interior daquele que a experimenta. É nessa arena intersticial e nómada que se joga muito daquilo que, em A. Mendes, poderíamos designar por *paixão da alteridade*. O mistério do irreduzivelmente Outro, as fissuras que indomitavelmente se nos escapam e que permanecem sempre enigma — é essa a bússola orientadora que guia a reflexão fertilmente vagabunda de Anabela Mendes, a terna obsessão em que se inflama o seu pensamento.

Outro dos aspectos que ressaltam da citação é justamente a dimensão da errância, de uma certa deriva do pensamento, a transgressão criativa praticada, de resto, por

um dos autores da sua eleição, Aby Warburg (cf. *Qual o tempo e o movimento de uma elipse? Estudos sobre Aby M. Warburg*, 2012). Na verdade, figura multifacetada do germanismo nacional, Anabela Mendes jamais se entrincheirou em exíguas províncias disciplinares. Este será decerto um dos seus muitos méritos — um dado nada despiciendo que permeia todos os seus escritos, conferindo-lhe uma coerência plural e oxigenando os vários campos do saber em que se espalhou a sua indagação. Os seus múltiplos interesses sempre se repartiram por distintas áreas do saber: desde o teatro (abarcando a Teoria e Estética do Teatro e a Sociologia das Artes do Espectáculo) às artes plásticas (com particular destaque para W. Kandinsky), passando pela poesia expressionista de expressão alemã e pela pioneira investigação de doutoramento, intitulada *Éter, órbitas e odisséias: dos caminhos da oralidade nos raios da voz: leituras dramatúrgicas de peças radiofónicas alemãs emitidas entre 1930 e 1944* (2000), obra que, até à data, infelizmente, se encontra ainda inédita.

Aqui não posso deixar de aludir à centralidade de que se reveste, parece-me, a sua prática translatória, na medida em que a tradução, em boa medida, também é viagem, aproximação de culturas, mitigação daquilo que é soberania do Eu e daquilo que é pertença do Outro. De facto, a prática da tradução marcou de perto Anabela Mendes, acompanhando-a em todos os momentos do seu percurso intelectual, tendo vertido para português textos de Thomas Bernhard, Bertolt Brecht, Peter Handke, Heinrich von Kleist, Heiner Müller, Arthur Schnitzler, Patrick Süskind ou Frank Wedekind, entre outros.

Ouso uma última nota de carácter mais pessoal, que deixo aqui, a reverberar. Não posso deixar de recordar, com saudade, o entusiasmo com que a Professora Anabela Mendes leccionava as suas aulas, o júbilo que desabrochava em cada troca com os seus alunos. A ela toda uma geração deve magníficas prelecções sobre Goethe e Novalis, mas também sobre Schlegel e Schelling. Conversas profundas e preciosas, sem dúvida, mas sem pretensiosismo. Sobre pintura, música, poesia e filosofia. Sobre o fragmento e a ironia — autênticas pedras angulares do edifício mental, consubstanciado na *Frühromantik* (na aurora do romantismo alemão). O seu modo de ensinar era também ele singular: sereno e paciente, porém plenamente ancorado numa irradiante erudição; convidando o espanto e o debate, assim se processava a lenta sedimentação do saber. Creio que não me equívoco se disser que, à distância de mais de vinte anos, vislumbro uma elegante dimensão cénica nas suas lições que muito contribuía para o magnetismo que as suas

aulas assumiam. Para jovens alunos, uma tal experiência é rara e insubstituível (não olvido experiências igualmente singulares nas aulas de Luísa Afonso Soares, José Nobre da Silveira e Luísa Flora).

Recordo igualmente, com imperecível gratidão, os projectos que nos juntaram — só tornados possíveis pela sua generosidade e pela sua vontade de criar e de estabelecer pontes entre diferentes esferas do saber: desde o espectáculo *Expressionando* (em torno de poesia expressionista de expressão alemã) a encontros científicos sobre o pensamento de Aby Warburg ou os nossos diálogos em torno da obra de G. Steiner. Cada aula era, assim, uma viagem de afectos (*affectus*), potenciando cruzamentos e intersecções (*cartografias dialogantes*, cf. Mendes, 2018, que de certo modo ecoa as goethianas afinidades electivas: *Die Wahlverwandschaften*), gesto que também aplica nos seus escritos, cruzando Goethe e Fernando Pessoa (cf. Mendes, 2006 e 2018), Garcia de Orta e Alexander von Humboldt (cf. Mendes, 2008).

O amor pela arte, transmitido aos seus alunos, era como uma delicada corrente eléctrica, ao mesmo tempo que emprendia um combate anti-dogmático em demanda de um frágil assomo de beleza. Uma “dança em torno das algas” (na expressão luminosa da própria), a cristalização de um instante bioluminescente que emerge das águas turvas do esquecimento. A arte, aprendi com a Professora Anabela, tem sempre esse condão: faz emergir a cintilação de uma palavra solitária. Em louvor do vento, em comunhão com a sombra. A experiência da vida, dolorosa e sublime, não é senão isso — epifânica ressurreição daquilo que foi e não volta nunca mais.

Referências

- Mendes, Anabela (2000), *Éter, Órbitas e Odisseias: dos Caminhos da Oralidade nos Raios da Voz: Leituras Dramatúrgicas de Peças Radiofónicas Alemãs emitidas entre 1930 e 1944*, Lisboa, Tese de Doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mendes, Anabela (2006), *Goethe e Pessoa: Contemporaneidade de Fausto*, Lisboa, Colibri (com Christopher Damien Aurette, Holger Brohm e Nuno Félix da Costa).
- Mendes, Anabela (2008), Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: Errâncias, Investigações e Diálogo entre Culturas, Lisboa, UCP.
- Mendes, Anabela (2012), *Qual o Tempo e o Movimento de uma Elipse? Estudos sobre Aby M. Warburg*, Lisboa, UCP.
- Mendes, Anabela (2016), *Viagens de Longo Curso: Roteiros e Mapeações*, Lisboa, UCP.
- Mendes, Anabela (2018), *Prometeu e Fausto em Goethe, Pessoa e alguns mais. Cartografias Dialogantes*, Lisboa, Colibri.

